

Versos à sombra de um poeta

Padrinho o patrono? O padrinho que é patrono.

Punhal de prata

que me mata

mergulhando na alma

e na carne que acicata

Punhal de prata

que me retrata

E com golpe profundo

a vida me arrebatata

Punhal de prata.

Que luta insensata

sem prazo nem data

e que sempre se acata

Punhal de prata

quem se percata

mesmo sem errata

todo o nó desata.

Punhal de prata

Punhal de prata

A medida exacta

do sonho desfeito

em incerta data

O canto de outrora
nas palavras de hoje.
Do mundo presente
sempre algo me foge.

Na vida em que vicejo
Tenho estranhos momentos.
Em cada hora revejo
Flutuantes pensamentos.

Não tenho mais pedidos
Nem desejos escondidos
Nem desígnio obscuro.



Encontro com o lilás

Sonhos

Tudo é e não é.
Tudo é sonho de um sonho.
De certo nada disponho
Nem posso fazer fé.

Dia que começa e acaba
Apontando ao futuro.
Dia de longa meada
Que se tece com apuro.
Vida que por mim passas
Meus sonhos não desfaças
Que me deixas inseguro

No ar...

No ar sereno
A luz brilha
Na ilha
Em tempo ameno.
O sol em pleno
destila
E fervilha
No terreno.
Tanta luz

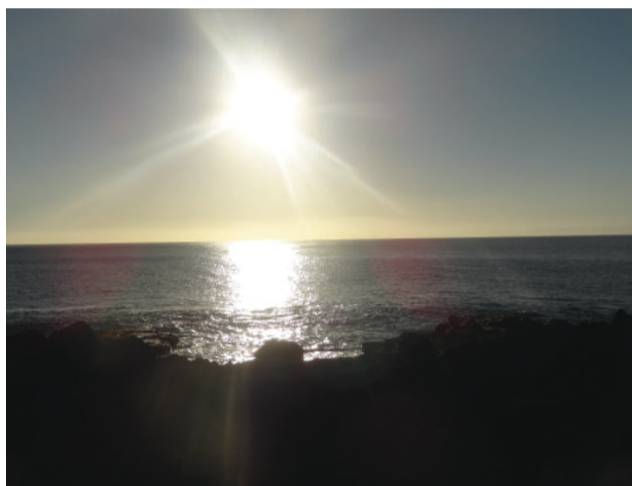
Tanta cor

No céu claro

Tanta cruz

Tanta dor

Sem amparo.



O sol brilhante

Ilumina

E fascina

A cada instante.

A mente pensante

Descortina

E não se confina

Ao passado distante.

O que permanece

É o sol da vida

Com seus cambiantes.

É quanto se oferece

E nos convida

A ser confiantes.

O sol ilumina

Tudo aquece

Tudo engrandece

E a mim me anima.

O sol fascina,

A terra floresce

E o mundo esquece

A dura sina

Horas fagueiras

Que correm felizes

E inspiram poetas.

Horas primeiras

Forças motrizes

Das almas despertas

Imenso mar

Ali se há-de enterrar

O meu coração

Com unção

No imenso mar.

Ali se há-de encontrar

Em comunhão

O meu caixão

E o imenso mar.

Ali onde ele se quebra

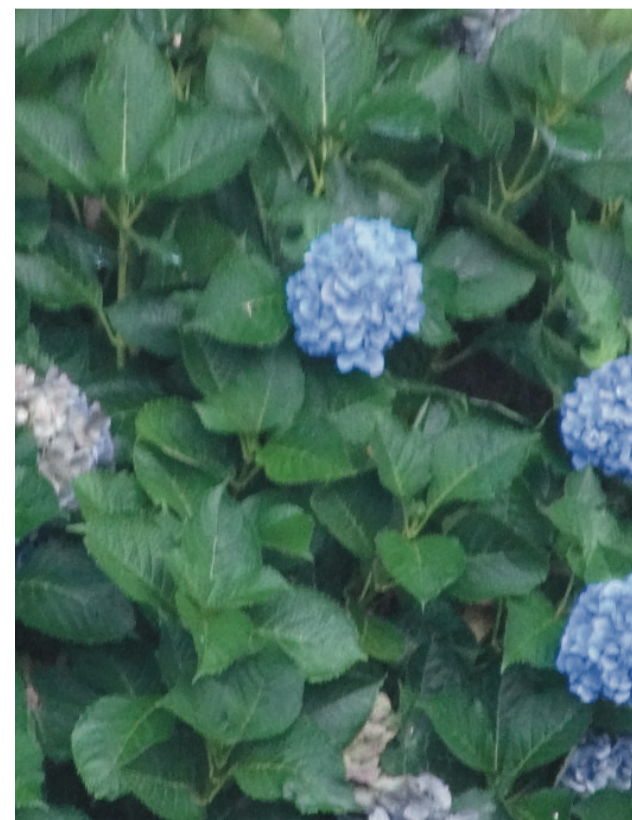
Como em sua casa

O imenso mar.

Não será na pedra

Não será na campa rasa

Mas no imenso mar.



Reviver

Reviver o passado
 Na paz
 Que traz
 O tempo recordado.

A memória do passado
 Faz
 E refaz
 Mesmo o facto olvidado.

Dias que passaram
 Recordações que não esquecem
 Da vida vivida.

Momentos que recuperam
 As horas, na margem
 Da experiência esquecida.

Sonho

O mistério do sonho até
 É algo de inenarrável.
 Nem é manipulável



Na sombra do sonho que é.

Sonhos que vem e se esfumam

Mas regressam obsessivos.

E em novo sonho desaguam.

Sonho que outros sonhos impun-
ham

Sempre vagos e imprecisos.

Sonhos que todo o sonho derrubam.

O céu...

O céu lento

Vem devagar

Aumentar

O meu tormento.

E eu desespero

Sem coragem

Nem imagem

Do que quero.

Este céu

Já só continha

A nuvem escura

Como um véu

Que só retinha

Minha amargura.

Canto longínquo

Canto longínquo

Triste e lento.

Som oblíquo

Como o vento.

Sentir profícuo

Em cada momento.

Veloz e ubíquo

E com sentimento.

Música da noite

Que se insinua

Grave e profunda.

Embora me acoite

À luz da lua

Na escuridão se afunda.

Cheiro o vento

Cheiro o vento

Na exalação das ondas.



Ó mar não respondas

Ao tom do meu lamento.

Noite de luar

De frágil luz apenas

E por demais serena.

Eu mesmo tento

O sabor e os aromas

Logo que assomas

À felicidade que invento.

Dia de mar.



Horas supremas.

Tarde amena.

Nevoeiro

Por cima

O nevoeiro acomoda

E tanto incomoda

Como desanima

Por dentro

O nevoeiro tanto corrói

Com destrói

Desde o centro

Por fora

A neblina baça

Sempre desfigura.

Na demora

O tempo passa

E tudo supura.



A ilha ao longe.

Evocação de légua.

Oração sem trégua

Em jeito de monge.

Mesmo que a vida esponje

A neblina e as névoas

Sempre comigo levo-as

Como esculpidas em bronze.

Marcado horizonte

Na ilha de outrora.

A cada momento irrompe

O pão, a vaca, a fonte

Que me urgem agora

Como se os tivesse defronte.

Aos ilhéus das cabras

(paráfrase a Vitorino Nemésio)

Estátua da nossa solidão

Arrancada às nossas entranhas.

Palmo de terra de coisas estranhas

Tão longe e tanto à mão.

Testemunha e negação

De forças tamanhas



(Parafrazeando Vitorino Nemésio)

Em que te despenhas
 Num mar-inquietação.
 Prova provada
 Do nosso emparedamento
 Num calhau atlântico.

Súmula assombrada
 Em que toma assento
 O nosso paredão oceânico.

Degredo

Seja a terra degredo
 E o céu destino
 A que me confino
 Sem sombra de medo

Não é segredo
 Nem dom divino
 Quanto ensino
 E facilmente acedo
 Nada invento
 Nem presumo
 Da luz da razão.

É o meu intento
 Que assumo
 Como aspiração.

O poeta tem o valor
 Que lhe dá o fervor
 De ser com o mesmo ardor
 A criatura e o criador



O poeta

O poeta é o portador
 O poeta é um mostrador
 O poeta é o carregador
 Mas também o descobridor

Mas o poeta é mais
 Pela palavra sublinhada
 Ritmada e enobrecida
 Ó poeta quanto sonhais
 Traz a vida aprisionada
 Em tantas letras, tantos sinais.

O gesto

Dei ao meu gesto
A cor do amanhecer.
Para de tarde esquecer
A cor e o resto.

Dei ao meu protesto
A cor do anoitecer
Para assim preencher
O vazio manifesto.

As cores confundidas
Entre a noite e a manhã
São o quadro expressivo

Das tramas urdidadas
Neste colorido afã
Em que me desgasto e vivo.

Chorar

Se existe um céu
Para quem chora
E se arvora
Em contrito réu.

Se o mundo se abateu
Como uma espora
De toda a hora
No pranto teu.

Então, só há que implorar
Com fervor de crente
E como quem adora.

E só resta aceitar
Sofrido mas contente
O chorar de agora.

Desilusão

O sonho quebranta
Este meu vão sofrer.
E quase consigo vencer
Este mundo que me espanta.

Na aurora que canta
Logo pelo amanhecer
É-me difícil entender
Porque o mundo se alevanta.

Um vento húmido e frio
Sopra sobre o meu sonho
E desfaz toda a sedução

Não descanto e não rio
E a fingir não me disponho
Nem a disfarçar a desilusão.

Dionísio Sousa

